

**ASA**

*Hei-de sentir saudades quando partir de novo  
Quando partir de novo sem saudades nenhuma*

Alberto de Lacerda

## ASAS DE PAPEL

Subir aos céus em asas de cristal  
Subir aos céus  
Subir aos céus em escadas de papel  
Subir aos céus  
Subir aos céus no elevador panorâmico  
do *Shopping Iguatemi*  
Não importa como:  
Subir

*São Paulo, março 1996*

## COGUMELOS

Quando o coração se inflama  
incendiado pela paixão  
esse fogo não ilumina;  
é como o cogumelo venenoso  
que brota durante a noite úmida:  
não alimenta, queima, apenas queima  
o organismo, e alucina.

*Nova York, setembro 1993*

## FORMIGAS

Talvez isso ajude a compreender o Destino  
ou a Graça:  
Num pátio de mármore, duas formigas  
tentam escalar uma pilastra.  
Mas não conseguem.  
Uma desiste.  
A outra prossegue,  
insiste.  
Até que eu  
pego essa formiga com a mão  
e a coloco um palmo acima do chão.

*Bombaim, novembro 1991*

## **AO MENOS**

Houve um tempo  
em que comia nos melhores restaurantes  
de São Paulo, Paris e Nova York.

Houve um tempo  
que retirava grande prazer da leitura  
e tinha orgulho da minha biblioteca.

Hoje os pratos estão quebrados,  
os livros ao vento.

-- O coração cada vez mais pleno.

*Rio de Janeiro, fevereiro 1998*

## DESEJO

Um anjo desejou outro anjo.  
Isso não foi inocente. Os primeiros  
tons rubros surgiram no horizonte eterno.  
Logo tudo foi tomado pelas chamas  
e era o poente: a aurora do inferno.

*Nova York, agosto 1993*

## ÁLBUM DE ROMA

Em certas fotos Roma revela  
que é uma milenar cidade do oriente.  
(Principalmente quando o sol  
se avermelha, por trás do Vaticano  
na hora do poente).  
O oriente, o longínquo, o estrangeiro  
está bem mais próximo  
do que pensamos habitualmente.

*Nova York, dezembro 1995*



## ALEIJADINHO

O tempo passa pelo mundo  
e nós somos os ponteiros.

Aqui estou eu outra vez,  
depois de muitos anos,  
em Congonhas do Campo.

Os profetas  
continuam olhando para o horizonte  
verde mar, azul de Minas  
sem sentirem nada,  
maiores que a vida, calados,  
  
absortos em si mesmos.

*Nova York, julho 1996*

## IRENE ENCARNADA

Le con d'Irene  
El coño de Irene  
El culo de Irene  
El pelo de Irene  
Meu Deus, Irene  
Irene, Irene

Irene, seus cabelos  
Irene, suas mãos  
Irene, seu umbigo  
Irene, seus joelhos

A barriga de Irene  
doce, e dentro  
seus intestinos  
Irene, seus cotovelos

e calcanhares, seu queixo  
seus maxilares, seu sorriso  
e seus olhares  
(como os meus)

Irene, Irene, sua vida  
na régua do corpo e do tempo,  
na regra da língua

(Meu Deus, e eu  
eu ainda não compreendo a vida)

*Nova York, outubro 1996*

## NEW YORK CITY, MEIO-DIA

Vestido num saco de lixo  
negro, um menino negro  
pede esmola -- e é bonito.

Uma jovem de patins passa  
por mim e esbarra sua mão na minha.

Um homem me olha  
e quando o surpreendo com meu olho  
sustenta o olhar, sem vergonha ou medo.

Durante todo o dia quis-se revelar  
uma alegria nova, mas familiar  
que finalmente agora compreendo.

A de estar entre os que estão  
aqui  
vivendo.

*Nova York, setembro 1996*

## CRÍA CUERVOS

Pensando em rever

*Cría Cuervos*, pela quarta vez,  
mas pela primeira vez em dez anos,  
meu coração se aperta -- e me emociono.

Não por antever a beleza do filme, ou como Saura  
captura a tragédia da infância em suas cenas,  
mas pelo jovem que um dia eu fui  
e que deve ter morrido  
numa sala de cinema.

*Nova York, fevereiro 1996*

## O OURO EGÍPCIO

O que me impressiona não são os peitorais  
e outros antigos artefatos egípcios, de ouro  
que hoje sobrevivem em museus.

O que me impressiona é o que *não* sobreviveu.

O tesouro perdido da civilização conquistada  
por mãos anônimas e privadas, pelo ir e vir do deserto,  
pelo tempo que cria gerações e as esmaga.

*Nova York, dezembro 1995*

## **N.S. DE GUADALUPE**

Algo me entristece no México.  
A grande cidade é um deserto.  
Na Basílica, no alto do monte  
onde a Diego apareceu a Virgem  
eu ainda mais me entristeço.

(O sol se põe, distante e amarelo  
como em Roma ou na velha Pérsia).

Há de ser a imagem singela  
da Virgem entre pálidas rosas  
estampada na tarde sem glória.

*Cidade do México, novembro 1996*

## FINE ART

O menino de 17 anos  
caminhou até mim  
e conversou comigo um pouco.

Bonito, puro, doce  
como eu também era doce  
aos 17, e não sabia.

Amo-o  
como se fosse uma pintura,  
uma fotografia em preto e branco  
(me seduz  
uma coreografia que já não danço).

Sorriso,  
enquanto ele me empurra para morte.

*Nova York, maio 1996*

## **NO AEROPORTO**

Todas essas milhares de pessoas  
merecem amor e respeito.  
Estamos todos tentando viver  
da melhor maneira que sabemos.  
Estamos todos querendo ser felizes.  
Somos a flor da terra,  
a coisa mais doce do planeta.  
Sou eu e cada uma delas.

*São Paulo, abril 1998*



## **SOPRO**

Este corpo onde agora moro  
parece estar vivo, no entanto  
o corpo está sempre morto.  
O que é vivo é este sopro  
que se sabe dentro do corpo.

## **BACIA**

Banho de bacia  
de metal esmaltado azul  
claro como o dia  
que quase-acaba,  
como a asa  
de uma borboleta pousada  
na fruta.

